

2001, uma odisséia terrestre

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Parece ontem. Ainda menino assistia extasiado o homem primata lançar aos céus aquele osso que girando com enorme velocidade por meio da linguagem fílmica de Stanley Kubrick, se transforma de modo mágico numa bela espaçonave branca. Tudo isso ao som do *Danúbio Azul* de Strauss. O cineasta representava ali toda a história da evolução humana. Seu legendário filme “2001, uma odisséia no espaço” trazia de modo ficcional o tempo do porvir.

É, 2001 que era um conceito de ficção, hoje é uma realidade terrena. Não chegamos a perfeição daquela nave espacial que navegava majestosa através do espaço sideral – onde nosso ônibus espacial é apenas um arremedo ruidoso, grosseiro e desajeitado que consome quilos de combustível e principalmente de dólares para atender o desejo humano de dominar o cosmo – no entanto, e isso continua sendo um osso duro de roer, o estado primata dos humanos parece persistir através dos tempos, e inclui principalmente o dito *homo sapiens*, sapiens que parece muitas vezes constar apenas no nome.

Não é por acaso que sapiens, do latim sapientia e que denota a qualidade de sábio, diz respeito principalmente a Sabedoria divina. “*Vossa Sapiência*” se transforma então em tratamento irônico. O medíocre mortal que aspira possuir sabedoria divina. Ou seja: *homo sapiens* é na verdade uma grande ironia do destino ou dos deuses.

Não passamos, em certos momentos, de simples macacos. Darwin é impiedoso ao demonstrar as origens. O biólogo inglês desfere o segundo golpe ao narcisismo humano já abalado depois de Galileu ter mostrado que afinal a Terra não era o centro do universo. O terceiro golpe na arrogância humana ficou por conta de Freud que revela que nem de si mesmo é o homem senhor, submetido que está as forças demoníacas do inconsciente.

Forças que mantêm, em meio a esse mundo dito civilizado, as guerras étnicas, bacteriológicas, atômicas, frias e aquecidamente cruentas, os campos de extermínio, os genocídios desenfreados, os fratricídios e infanticídios incompreensíveis, o escravismo anacrônico, os sistemas de servidão, a espoliação dos fracos e oprimidos, a exploração ambiciosa da pobreza, a riqueza ilegítima e espúria que se nutre do parasitismo social e do furto dos bens coletivos, os destratos infundáveis a natureza, alguns irreparáveis, sem falar das “já normais” doenças endêmicas, fome e

desabrigo, que propicia a manutenção de enormes contingentes de indivíduos famélicos devastados pela subnutrição, onde leite é o tratamento. Sujeitos que não possuem sequer um lugar onde cair morto. Todo esse profundo sofrimento vem ocupando vastas áreas do planeta, muitas vezes sob os auspícios da política inócua quando não cínica da afamada e risível ONU. Risível e por que não simiesca?

Dizem os entendidos que não há como erradicar a fome do mundo. Que é inútil denunciar as lixeiras gordas dos Mc Donald's da vida, onde as batatas fritas e milk shakes desperdiçados pela gula dos obesos quadrados do hemisfério norte não darão fim a fome do necessitados do mundo. Parecem aos *experts* que só há abundância nos tempos de guerra e não nos de paz. Só se produz em abundância para as máquinas de guerra, para as frentes de morte, não para as frentes de vida. Triste não?

Pode parecer aos leitores que a visão que descortino no momento é muito sombria e que afinal o mundo não é tão mal assim. Que existe os exemplos refinados dos *homo sapiens*, capazes de grandes gestos, feitos e que deixam e continuam deixando um legado maravilhoso de realizações e progressos nos diversos campos da cultura. Sim, e isso é tão verdadeiro que não se pode ignorar, numa típica política de avestruz, muito menos se omitir em combater com entusiasmo essas expressões humanas infelizes. Combater sobretudo o macaco feroz que habita dentro de cada um de nós.

Voltando ao cinzento das minhas descrições, não é apenas por meio desses eventos de maior magnitude que se observa as atitudes selvagens dos humanos. Não cessam de aparecer no nosso cotidiano. Estão na elementar falta de respeito ao outro, no descumprimento das leis, na direção perigosa no trânsito, na impaciência com os idosos, no deboche com os deficientes, na violência com os menores, na crueldade com os animais, na indiferença com os necessitados, no descaso com os que sofrem, na negligência aos bons costumes, na corrupção desenfreada, na poluição diária ao meio ambiente, no desrespeito aos valores da cidadania e que supõe o direito elementar a convivência pacífica.

E os que se apresentam como se amigos fossem e que se dizem preocupados com o bem estar? Que dizer desses que testemunham, sem muita consciência ou mesmo sem muito escrúpulos, o quanto buscam a paz e o quanto são capazes para apontar o caminho certo ou mesmo o que é o certo? Que falam de amor e se apresentam como a “salvação da lavoura” mesmo que para isso precisem arrasar tantas outras, quantas necessárias e que não sejam as suas, não importando o infortúnio que possam causar. Que são capazes de inventar, caluniar, distorcer, mentir, sonegar, corromper, machucar, descarrilar trens, afundar barcos, abater

aviões e muito mais para garantirem o suposto bem estar do próximo, que para serem próximos devem ajoelhar e rezar, ou melhor, se submeterem ao seu modo de interpretar a vida e se dobrarem aos seus valores apriorísticos e distorcidos.

Esses. Ah esses. Esses são muito piores que os inimigos. Pois os inimigos declarados nos honram com sua lealdade inimiga. Nos ajudam a distinguir amor do ódio. Ao encarnarem o mal aprendemos dialeticamente com eles a reconhecer o bem. Sabemos com quem estamos lidando. Não se tratam de velhas lobas disfarçadas sob a pele de cordeiras, de traidores trajados sob o manto fiel de santos homens. Não encobrem com lágrimas o escárnio e a perfídia. Não é atoa que diz o ditado popular: *“quem tem amigos como esses não precisa de inimigos”*.

Felizmente existem os justos, os amigos, os que realmente desejam o bem estar coletivo. Os que não conseguem estar inteiramente bem em meio as injustiças e as grandes discrepâncias sociais. Que não se sentem a vontade numa sociedade que não consegue ser moral, muito menos ética.

Sim, existem os amigos. Aqueles que sabemos que podemos dar as costas sem medo. E como é bom esse sentimento. De que podemos dar as costas àqueles que elegemos no amor. Amor que nasce do autêntico tesão, patrimônio também das forças do inconsciente, da admiração e respeito mútuos e sobretudo do exercício da LIBERDADE compartilhada.

Amor pressupõe sobretudo liberdade, não há uma coisa sem outra. Não se faz amor nem se fala dele sob coerção. Não há, portanto, diferença entre o amor coercitivo e o ódio. Ou melhor, há. O ódio é mais autêntico, portanto digno de ser reconhecido.

O filme *“2001, uma odisséia no espaço”* mostra nos seus primeiros momentos uma tribo de homens macacos. Comiam descarnando com os dentes os ossos de suas caças. Até que um deles que segurava um grande e pesado osso descobre que aquele objeto pesado podia também ser usado para golpear e matar. Diante então do outro ali, abatido e sem vida tão próximo de si, lança aos ares sua arma rudimentar que se transforma, pelos recursos cinematográficos, numa belonave. Símbolo da *“Evolução da Humanidade”*.

Está aí uma das chaves do mistério humano. Alguns transformam ossos em belas naves, constróem da matéria prima os bens civilizatórios, os artefatos que geram o progresso. Outros não se engajam na construção, se deleitam em destruir, em usar os próprios artefatos da criação para gerar a destruição. Os aviões são um bom exemplo, ao mesmo tempo que portam passageiros para um belo vôo, portam também

as armas de guerra que vão parir Hiroshima, Nagasaki e outros tantos sítios de morte.

2001 está aí, ou aprendemos a dominar o macaco sanguinário que habita em nós para cuidarmos melhor da nossa Terra e de nossos irmãos de humanidade, gerando um desenvolvimento sustentável que inclui evidentemente o respeito as diferenças e a justiça social como princípios, ou iremos continuar rachando com violentos golpes as calotas cranianas alheias até abrimos a própria calota do planeta. “*2001, uma odisséia terrestre*” está começando. Como será o enredo?

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).